

As marcas do racismo nas famílias e nos grupos¹

Eliane Silvia Costa
Maria Inês Assumpção Fernandes

Resumo Este artigo propõe uma reflexão sobre a ideologia racista. A partir de breve análise sobre a problemática racial no Brasil discute-se a função psíquica do racismo como ideologia e seus efeitos na constituição familiar e grupal. O estudo considera a hipótese da transmissão psíquica da ideologia racista sustentada por alianças inconscientes; pela qual, a clínica do vínculo reexamina a escuta psicanalítica.

Palavras-chave racismo; família; ideologia; grupo; alianças inconscientes.

Eliane Silvia Costa é psicóloga e doutora pelo Instituto de Psicologia da USP, professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisadora associada ao LAPSO, colaboradora do AMMA Psique Negritude, integrante da Rede Universidades da ANPSINEP

Maria Inês Assumpção Fernandes é Livre Docente pelo Instituto de Psicologia da USP, professora, psicanalista e pesquisadora do LAPSO / Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social - IPUSP, Presidente da Association Internationale de Psychanalyse de Couple et de Famille (2021-2023). Supervisora Clínico-institucional

•

1 Este trabalho foi apresentado no X Congresso Internacional de Psicanálise de Casal e Família, em outubro de 2022, realizado pela AIPCF-Association Internationale de Psychanalyse de Couple et de Famille.

2 R.Kaës, (1980). *L'ideologie – études psychanalytiques Mentalité de l'idéal et esprit de corps*. Dunod.p.XII.

3 R.Kaës, *op.cit.*, p.I

A problemática racial no Brasil nos convoca a uma contínua reflexão. Neste trabalho, a reflexão se dará em relação a pensá-la como ideologia: a ideologia racista e seu impacto nas famílias e nos grupos. Duas partes compõem este artigo. A primeira apresenta uma breve interpretação histórica sobre o racismo no Brasil. A segunda discute a função psíquica do racismo como ideologia e seus efeitos na constituição familiar e grupal. Para tanto, partimos da hipótese de que a ideologia é delineada e sustentada cotidiana e estruturalmente por contratos conscientes e alianças inconscientes, intersubjetivas e coletivas, transmitidas intergeracionalmente, considerando-se dois registros interdependentes da problemática psicossocial do racismo: o nível estrutural e o nível intersubjetivo. Tais reflexões implicam repensar, no campo clínico, a escuta psicanalítica.

Temos conhecimento, desde quando foi teorizada no século XVIII, de que a ideologia tomou o estatuto de um pensamento falso, de um discurso prejudicial, como falsa consciência, reflexo invertido do real. Logo, se ela se refere a um julgamento pejorativo e ficcional, ela “supõe e mantém o ideal de um conhecimento verdadeiro e de uma prática justa para o qual a ciência ou a teologia são sempre solicitadas a prover seus fundamentos últimos”². Citamos Kaës para afirmar que a ideologia é um sistema de ideias abstratas mais reais do que o real porque apresenta-se sem falhas, sem lacunas, de forma densa, compacta. Ela “se organiza em discurso e emblema necessários à construção da identidade coletiva, do sentimento de pertencimento, da representação do mundo”³ (Kaës, 1980, p. I). Necessária à existência coletiva e ancorada na via psíquica, ela funciona como construção social e como formação psíquica ao mesmo tempo



*não há empregos,
não há terras, não há justiça,
não há respeito. Na realidade não
há liberdade, igualdade
e fraternidade – tríptico que
marca o laço de união entre
os seres humanos – marcadamente –
para as pessoas negras*

O discurso sobre o racismo, no Brasil, apresenta-se de forma pouco evidente, a partir da seguinte regra: ‘Não há... para todos’ ou ‘Há... para alguns, para aqueles que têm mérito’. Esse é o explícito do texto, a constante, o que poderíamos conceber como metaenquadre. Os substantivos que compõem a regra ‘não há para todos’ são os mais variados possíveis.⁴

Não há empregos, não há terras, não há justiça, não há respeito. Na realidade não há liberdade, igualdade e fraternidade – tríptico que marca o laço de união entre os seres humanos – marcadamente – para as pessoas negras. “Qual é o implícito do texto? O que é escamoteado pelo discurso “não há... para todos”? Escamoteia-se que, no Brasil, esse discurso dirige-se principalmente às pessoas negras, que desde sempre são impedidas de ter acesso aos bens sociais e à vida segura. Nas terras tropicais, o racismo está a serviço do capitalismo, sendo uma de suas principais ferramentas”⁵.

É ele que mantém a pessoa negra afastada de quaisquer direitos sociais.

Não dar atenção a certas coisas é regra básica de toda ideologia. Não dar atenção ao racismo, no Brasil, é uma forma de tentar perpetuar a ideia de união nacional e de que a colonização portuguesa redundou em um bem para a nação, ou seja, em sua civilização e sua mestiçagem

racial e cultural. A ideologia nacional coletiva de união/mestiçagem⁶ é garantida por acordos (in) conscientes coletivos e intersubjetivos, os quais produzem a ideia de continuidade e união entre, por exemplo, as diferentes raças, etnias e culturas. Para além de o Brasil ser um país mestiço racialmente, a mestiçagem é aqui compreendida em sentido simbólico: ela refere-se à crença falsa e ilusória de que o Brasil é unido e democrático.

Podemos considerar que, no nível estrutural, essa ideia ideológica de união pode ser compreendida a partir de dois contratos sociais sucessivos que foram traçados como projeto político-ideológico para o Brasil e que produziram impactos conscientes e inconscientes” para a constituição das instituições e das famílias: “o contrato social do embranquecimento e o contrato social da democracia racial”⁷.

O discurso veiculado por diferentes agentes sociais, dos intelectuais aos periodistas midiáticos, descortinam pactos ideológicos degradados, como o racismo, naturalizando-os como se fossem verdades a-históricas tornando-se estruturais. Constituem-se e se desenvolvem estratégias que são colocadas em jogo para perpetuar as imagens negativas associadas ao (corpo do) negro. São pactos que modelam como *metaenquadres* as instituições, os grupos, as famílias, os sujeitos singulares. Eles só existem porque foram criados e mantidos nas interações – intersubjetivamente – por um grupo de pessoas contra outro grupo: o das pessoas negras. A ideologia racista apoia-se num pacto perverso que se constitui e se mantém como parte da constituição subjetiva-identitária e intersubjetiva. “Como tal, o racismo demanda trabalho psíquico”⁸.

De um lado, por atender a desejos inconscientes ou conscientes, convoca aqueles que se alinham a ele e que são por ele beneficiados (subjetiva, histórica e cotidianamente), a estabelecerem pactos e contratos intersubjetivos para a sua perpetuação: é o caso dos pactos voltados para o branqueamento de parte da população negra e/ou para a crença de que o país é racialmente democrático.⁹

O problema do branqueamento no Brasil, tem no mestiço, o seu emblema e a sua cilada. “O mestiço era o bastardo e impuro que tinha a função sociopolítica de branquear e civilizar a nação, que, num futuro breve, deixaria de existir”¹⁰. A elite do governo e suas ramificações no seio da sociedade exigiam e se encarregaram de propiciar a migração de europeus considerados racialmente puros, como os alemães e os italianos. Sustentavam, dessa forma, a representação de que o ideal era o branqueamento da nação. Se inicialmente a ideologia do embranquecimento representava o anseio da supressão dos aspectos fenotípicos referentes ao negro, ao longo dos tempos, o mito da democracia racial disseminava a imagem do negro como moreno: o Brasil seria um país mestiço adaptado às exigências tropicais. Freyre¹¹ ressaltava que o moreno – e com ele o hibridismo físico e cultural – representaria o atalho para que vivêssemos em um mundo civilizado. Não se tratava de pensar num projeto, um futuro. O moreno era a conquista já posta. Como intermediário – entre o branco e o negro – o Moreno representava a realização do projeto.

Contudo, a problemática da branquitude se ligava a outra, a da democracia racial. É aqui, a conquista da figura do Moreno se revela uma cilada pois tem desempenhado função de controle

»»

o mito da democracia racial disseminava a imagem do negro como moreno: o Brasil seria um país mestiço adaptado às exigências tropicais. Freyre ressaltava que o moreno representaria o atalho para que vivêssemos em um mundo civilizado

social.¹² Ao apregoar que o Brasil é uma democracia racial, oculta-se a existência de desigualdades raciais e sociais e impede-se que se fale do racismo.

A raça pode exercer papéis simbólicos, valorativos e estratificadores em sociedades multirraciais e racistas, como o Brasil. A adoção desse conceito permite a divisão entre classes, na qual o status ideal pertence à classe dominante branca. Dessa forma, a máscara do enaltecimento encobre, portanto, a perpetuação do pacto narcísico e psicopático nos quais a ideologia é simultaneamente um discurso narcísico e um discurso mortífero.¹³

Mas, como a ideologia se instala?

A ideologia, segundo Kaës, é pensada como formação intermediária que permite a ligação entre dois espaços psíquicos diversos. Assim, por possibilitar a ligação e a identificação do sujeito com o grupo, por conectar dois espaços psíquicos diferentes, a ideologia é uma formação intermediária e intersubjetiva.¹⁴ Ela é uma formação psíquica do consciente tanto quanto uma formação psíquica inconsciente comum e compartilhada por sujeitos em suas interações psíquicas e sociais. Trata-se de um sistema de ideias conscientes compartilhadas que se ancora em uma dimensão inconsciente e compartilhada: as alianças inconscientes. Esse processo de articulação é

4 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A. Estudos Psicanalíticos sobre o Racismo. Branquitude e Mestiçagem como Ideologias. In: *Psicanálise na Encruzilhada. Desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. Hucitec, 2021, p.34.

5 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A., *op.cit.*, p.34.

6 Fernandes, M.I.A. Negatividade e Vínculo. Mestiçagem como Ideologia, Casa do Psicólogo, São Paulo, 2005.

7 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A., *op.cit.*, p. 35.

8 Costa, E. S. (2020). “Vínculos, grupos e redes em prol da vida ou na pactuação racista para a produção de morte”. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 12, n. Ed. Especial, p. 78-107.

9 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A. *op.cit.* p. 34.

10 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A. *op.cit.* p. 36.

11 Freyre, G. (1970, outubro/dezembro). “O brasileiro como tipo nacional de homem situado no trópico.” *Revista Brasileira de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Cultural*, ano 2, (6), 41-57.

12 Hasenbalg, C. A. (1996). “Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil.” In: *Raça, ciência e Sociedade*, p.235.

13 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A. *op.cit.* p.38.

14 R.Kaës, *op.cit.*.



*o sujeito da ideologia tem,
pois, uma dupla pertença:
psíquica e social.
É por essa razão que
Kaës considera a ideologia
uma formação articular
que liga o individual, o familiar,
o grupal ou o societal às
formações culturais*

facilitado porque a ideologia possibilita um desvio das tensões do pensar. Ela possibilita uma adesão maciça do sujeito a uma visão do universo totalizante (ou quase), uma construção intelectual sistemática e falsa. Portanto, além da função de articulação entre o intrapsíquico, o grupal familiar e o coletivo, a ideologia assume, também, a função de recusa da realidade ou do falso saber. Destaca-se que, além disso, a ideologia só é adotada na medida em que um outro/o grupo ateste a sua legitimidade e sua veracidade.

O sujeito da ideologia tem, pois, uma dupla pertença: psíquica e social. É por essa razão que Kaës considera a ideologia uma formação articular que liga o individual, o familiar, o grupal ou o societal às formações culturais.

Como resposta às pressões internas e externas, do ponto de vista psíquico, reconhece-se duas modalidades de ideologia: uma delas concerne às ideologias que são provenientes do conflito arcaico entre superego e ego e a outra refere-se ao conflito entre ego e ideal de ego. As ideologias resultantes da tensão entre superego arcaico e ego envolvem o processo de identificação primária e, por serem fiéis ao ego ideal, operam contra as angústias persecutórias. Elas se estruturam a partir da clivagem e polarização radical entre objetos totalmente idealizados e objetos absolutamente persecutórios. Desse modo,

apresentam duas versões, separadas pela clivagem: uma idealizadora e outra persecutória.¹⁵

São essas ideologias que se referem ao racismo na sua expressão mais perversa e radical na qual o outro tem que ser depreciado e eliminado. Essas ideologias organizam-se para justificar, explicar e consolidar o ataque, sendo a causa única o perseguidor, que é reduzido ao estereótipo do mau absoluto. Elas são sempre de autossuficiência narcísica e da recuperação da onipotência infantil. Produzem prazer e não responsabilização sobre o ataque ao outro. Como provêm da herança, são transmitidas pelos sujeitos ao longo das gerações e buscam estabilizar, neutralizar, silenciar angústias.

O pacto narcísico da branquitude e o contrato perverso da branquitude são estruturais, porque são históricos, invariáveis ou com variações destinadas a reproduzir o pacto original racista, perpetuados pelos discursos oficiais e oficiosos.¹⁶

São, igualmente, mantidos e garantidos nas relações intersubjetivas pelos grupos, nas famílias. Essa herança e a violência do pacto se revela inclusive nas pessoas negras que pactuam com a branquitude: são aquelas que, para sua sobrevivência psíquica e social, estabelecem um contrato perverso assimétrico – buscando escapar da desqualificação e da humilhação social –, no qual o humilhado é impedido de ter reconhecida a sua humanidade.

Nessa direção, e, em busca de proteção e de amor, muitas famílias se organizam pela afiliação marital num casamento interracial. Podem assim, responder ao amor e, ao mesmo tempo, à necessidade de desenegrecer a família, de se adequar aos dizeres da ideologia do *morenamento*. São famílias em que o mestiço é categoria intermediária, que liga e separa o claro e o escuro e não os destrói; é, igualmente, categoria indicativa do nós, do que liga os não brancos e, porém, do que os liga em uma ilusão: a de que as pessoas mais claras possam não sofrer ou sofrer menos o ataque racista.¹⁷

A questão interracial convoca a muitas reflexões sobre a dimensão estrutural do racismo. O Portal Geledés Instituto da Mulher Negra publica inúmeros trabalhos e reflexões sobre a questão do casamento interracial. Uma situação que chama nossa atenção: “existem muitos casamentos interraciais no Brasil mas, na maioria deles o cônjuge negro tem status socioeconômico superior”. Basicamente, de acordo com Telles¹⁸, indivíduos da raça socialmente considerada inferior (no nosso país, os negros) mas que estejam em posição de superioridade social, educacional ou financeira podem “trocar” sua pretensa/percebida “inferioridade racial” e “superioridade socioeconômica” pela pretensa/percebida “superioridade racial” mas “inferioridade socioeconômica” dos indivíduos pobres da raça considerada superior (no nosso país, os brancos).¹⁹ Esse fenômeno, estudado nos EUA como *status xchange in interracial marriage*, evidencia a necessidade de investigação e de conhecimento sobre quais fronteiras estão se delineando e quais pactos se estabelecem ou se transformam nessa condição interracial.

Outras questões referidas à condição interracial, igualmente, devem ser consideradas, como nos alerta Luanda Julião²⁰, a partir de situações vividas na escola:

[...] trata-se de dois alunos que são meios-irmãos por parte de mãe. O mais velho tem 15 anos e o mais novo três anos a menos. Ambos são filhos de uma mulher negra de pele bem escura, mas o mais novo, por ter um pai branco, tem a pele bem mais clara que o irmão mais velho, que tem a cor da pele igual sua mãe. Essa diferença na tonalidade faz com que o irmão mais jovem se

»
a marca da diferença
começa em casa, afirma
Neuza Santos Souza,
“O garoto filho de homem negro
e mulher branca vivia cedo
a experiência que fixava: ‘
o negro é diferente’”

ache no direito de ofender e humilhar racialmente o irmão mais velho.

Tais fenômenos atestam a existência do racismo estrutural no Brasil. Entre o palco social e o espaço familiar os pactos perversos e psicopáticos se constituem e se perpetuam. A pele mais clara ou mais escura estabelece uma diferença.

aqui, eu quero chamar a atenção para a violência racial nas famílias inter-raciais, pois quando as hierarquias raciais reverberam também no mote familiar, evadindo o palco social e adentrando também nos lares, visualizamos também, embora à primeira vista pareça inadmissível, o racismo presente na esfera mais íntima e íntima do indivíduo.

A marca da diferença começa em casa, afirma Neuza Santos Souza²¹, “O garoto filho de homem negro e mulher branca vivia cedo a experiência que fixava: ‘o negro é diferente’”. Essa diferença pela qual o branco se torna o lugar, por excelência, da referência, a partir da qual o negro será definido. Essa marca da diferença, “ferro em brasa que o separa do branco, é vivida não só no nível de seu comportamento externo: ele reedita essa desigualdade, introjetada no seu universo psíquico, quando ao conviver com outro negro, seu semelhante, reproduz o ritual de separação...”²²

15 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A. *op.cit.* p.29.

16 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A. *op.cit.* p.39

17 Costa, E.S. & Fernandes, M.I.A. *op.cit.* p.40.

18 Telles, E. (2003) *Racismo à Brasileira. Uma Nova Perspectiva Sociológica*. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará/Fundação Ford.

19 Castro, A. (2013) Racismo, miscigenação e casamentos interraciais no Brasil. Portal Geledés. Instituto da Mulher Negra.

20 Julião, L. (2018) O Racismo nas famílias inter-raciais. Portal Geledés. Instituto da Mulher negra.

21 Souza, N.S. (1983) *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro, Zahar, 2021, p.56.

22 Souza, N.S. (1983) *op.cit.*, p.56



*o sofrimento psíquico
determinado pelo racismo
ganha visibilidade no campo
psicanalítico, assim como as forças
sociais de opressão e dominação
que nele operam: uma psicanálise
face ao mal-estar e ao mal-ser*

É no contexto do grupo familiar que se institui o contrato narcísico e que se desenrolam as funções dos ideais, fundamentos da estruturação do sujeito psíquico, do sujeito do vínculo. Como se constitui o *ideal do ego* de um negro, cujo *ideal de ego* é branco? É nessa fronteira tensa que se instauram os contratos e os pactos nas famílias

“A diferença está no coração da formação da cultura, como elemento essencial”.²³ Contudo, a diferença marcada como inferioridade é traço do racismo. O “racismo diferencia-se de outros preconceitos. Sustentado pela crença de que os negros são inferiores, está diretamente relacionado ao lugar que lhes é dado socialmente. A discriminação é apenas uma das formas de expressão do racismo; já o racismo é parte da própria estrutura social”.²⁴ O lugar social de inferioridade define uma condição emocional de intensa insegurança e sofrimento, na qual o corpo é motivo de dor e de negação. As vítimas dessa exclusão social vivem uma ansiedade contínua em relação às condições de sobrevivência e coexistência. Condições incontornáveis sustentadas por um contrato, um pacto que instala violência e dominação. “Numa sociedade multirracial racista, de hegemonia branca, o *a posteriori* se produz no momento em que o negro enfrenta peito a peito as condições concretas de opressão em que está imerso”²⁵

São essas dimensões de uma análise *psico-sócio-política* que nos convocam a pensar o trabalho clínico, psicanalítico, no qual a questão analítica se torna urgente.

Pensar a questão analítica, quando se fala de negros, não exclui as questões sociais, econômicas, políticas e culturais que estão na base da categoria “negro”, enquanto produto de uma sociedade hegemonicamente branca. Em que tal categoria se põe em relação de contraste com a categoria “branco”.²⁶

Neuza Santos Souza²⁷ desde 1983 chamava a nossa atenção sobre a violência do racismo, suas implicações para a constituição subjetiva e o quanto essa questão reclamava um reexame da escuta psicanalítica. As reflexões posteriores de diferentes autores evidenciam o mesmo problema. Certamente essa questão remete a várias dimensões: clínica, metodológica e epistemológica. Implica repensar a problemática da construção dos dispositivos clínicos, e, igualmente, colocar em debate a hipótese de três dimensões do espaço da realidade psíquica inconsciente – *intrapsíquica*, *Inter psíquica* e *trans psíquica*. Requer, da mesma forma, uma investigação sobre a escuta desses três espaços a considerar a implementação dos quatro pilares sobre os quais repousa o trabalho psicanalítico, ou seja, transferência, processos associativos, escuta e interpretação.

O caminho nessa direção tem se tornado menos sombrio. Um novo horizonte pode se abrir com novos canteiros de pesquisa. O sofrimento psíquico determinado pelo racismo ganha visibilidade no campo psicanalítico, assim como as forças sociais de opressão e dominação que nele operam: uma psicanálise face ao *mal-estar* e ao *mal-ser*.

Como ressaltaram muitos teóricos²⁸, o embranquecimento foi uma defesa psíquica de parte significativa da população negra de diferentes países com histórico colonial. Atualmente, é evidente que mudanças subjetivas e políticas ocorreram(em) graças especialmente às mobilizações do Movimento Negro e do Movimento Negro

Feminista: o enegrecimento e o reconhecimento da identidade negra positivada é notório. Isso significa que o sofrimento dos grupos, das famílias e nas famílias encontra espaço de ressignificação: há uma ação direta de desmonte da ideologia da mestiçagem racial pela qual se ressaltam as fronteiras, as separações e as desigualdades que há entre negros e brancos. Existe, aqui, um *trabalho psíquico* e um *trabalho da cultura*.

As famílias se constituem numa explosão de variações. Abriu-se um espaço de simbolização e de alcance de bens e direitos sociais. A prática psicanalítica, que se transformou nas últimas décadas e reconhece a importância das funções simbolizantes da cultura como suportes *metapsíquicos*, enfrenta seus novos desafios ao reconhecer o atravessamento das questões raciais no trabalho clínico, ou seja, ao operar/pensar a *clínica do vínculo*²⁹ e a transformação dos pactos e contratos narcísicos e psicopáticos. O racismo não mudou, mas parte das pessoas e famílias negras sim.

»
a psicanálise enfrenta seus novos
desafios ao reconhecer
o atravessamento das questões
raciais no trabalho clínico,
ou seja, ao operar/pensar a clínica
do vínculo e a transformação
dos pactos e contratos narcísicos
e psicopáticos

A clínica psicanalítica de grupos, casais e famílias faz parte dessa transformação: sem consciência política não se rompe com os pactos perversos, psicopáticos e narcísicos.

23 Fernandes, M.I.A. op.cit.

24 Benedito, M.S. & Fernandes, M.I.A. (2020) Psicologia e Racismo. As heranças da Clínica Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, e229997, 1-16

25 Souza, N.S. (1983) op.cit. , p.69.

26 Nogueira, I.B. *A Cor do Inconsciente. Significações do Corpo Negro*. São Paulo. Perspectiva, 2021.

27 Souza, N.S. (1983) *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro, Zahar, 2021, p.151.

28 Tais como Fanon (2008), Munanga (2004), Bento (2002).

29 Benghozi, P. (2010) *Malhagem, Filiação e Afiliação*. São Paulo, Editora Vetor.

Referências

- Aulagnier P. A *Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1979
- Benedito M.S.; Fernandes M.I.A. Psicologia e Racismo. As heranças da Clínica Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, e229997, 1-16, 2020.
- Benghozi P. *Malhagem, Filiação e Afiliação*. São Paulo: Vetor, 2010.
- Bento M. A. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone, I. e Bento, M. A. S. *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Bleger J. *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- Castro A. Racismo, miscigenação e casamentos interraciais no Brasil. Portal Geledés. Instituto da Mulher Negra, 2013.
- Costa E. S. Um olhar sobre mecanismos ideológicos racistas a partir de construtos da psicanálise dos processos grupais. In M. A. S. Bento, M. J. Silveira & S. G. Nogueira (Orgs.). *Identidade, branquitude e negritude* (pp. 127-140). São Paulo: CEERT, Casa do Psicólogo e Ford Foundation, 2014.
- Costa E. S. Racismo como metaenquadre. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 62, 2015, p.146-163.
- Costa E. S. Vínculos, grupos e redes em prol da vida ou na pactuação racista para a produção de morte. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 12, n. Ed. Especial, 2020, p. 78-107.
- 34 Costa E.S. ;Fernandes, M.I.A. Estudos Psicanalíticos sobre o Racismo, 2021.
- Costa E.S. ;Fernandes, M.I.A. Branquitude e Mestiçagem como Ideologias. In: David, E. e Assuar, G. A. *Psicanálise na Encruzilhada. Desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. Hucitec, 2021.
- David E.; Assuar, G. A. *A Psicanálise na Encruzilhada. Desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. Hucitec, 2021.
- Elias N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994
- Fanon F. [1952]. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 2008. (Trabalho original publicado em 1952)
- Fernandes M.I.A. *Negatividade e Vínculo. Mestiçagem como Ideologia*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- Fernandes, M. I. A.. As Alianças Inconscientes: um operador clínico no trabalho com casais e famílias. In: *Psicanálise com Casal e Família: Uma introdução*, cap.II, Editora Blucher, 2022.
- Freud S. [1920]. *O mal-estar na civilização*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XXI, p. 67-148). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freyre G. O brasileiro como tipo nacional de homem situado no trópico. *Revista Brasileira de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Cultural*, ano 2, (6), out/dez 1970, p. 41-57.
- Hasenbalg C. A. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In M. C. Maio & R. V. Santos (Orgs.), *Raça, ciência e Sociedade* (pp. 235-249). Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.
- hooks bell. Vivendo do Amor In. <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>
- Julião L. O Racismo nas famílias inter-raciais. Portal Geledés. Instituto da Mulher negra, 2018
- Kaës R. *L'ideologie – études psychanalytiques Mentalité de l'idéal et esprit de corps*. Dunod, 1980
- Kaës R. La categoría del intermediario y la articulación psicosocial. In R. Kaës. La invención psicoanalítica del grupo (pp. 129-142). Buenos Aires: Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, 1994.
- Kaës R. *El grupo y el sujeto del grupo: elementos para una teoría psicoanalítica del grupo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.
- Kaës R. O interesse da psicanálise para considerar a realidade psíquica da instituição. In O. B. R. Correa (Org.), *Vínculos e instituições: uma escuta psicanalítica* (pp. 11-32). São Paulo: Escuta, 2002.
- Kaës R. *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- Kaës R. *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias e Letras, 2016a
- Kaës R. *L'Idéologie: l'ideal, l'idée, l'idole*. Paris: Dunod, 2016b.
- Maio M.C. & Santos, R.V. (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade* (pp. 235-249). Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996
- Munanga K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- Nogueira I.B. *A Cor do Inconsciente. Significações do Corpo Negro*. São Paulo. Perspectiva, 2021.
- Portal Geledés. Instituto da Mulher Negra.
- Rohden Fabíola (2012). Narrativas científicas e definição de identidades: a questão de gênero e a ênfase no biológico. In F. T. Portugal. & A. M. Jacó-Vilela (Orgs.), *Clio-Psyché: Gênero, psicologia, história* (pp. 69-96). Rio de Janeiro: NAU, 2012.
- Souza N.S. [1983] *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro, Zahar, 2021.
- Telles E. *Racismo à Brasileira. Uma Nova Perspectiva Sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará/Fundação Ford, 2003.

The Marks of Racism in Families and Groups

Abstract This article proposes a reflection on racist ideology. Based on a brief analysis of the racial problem in Brazil, the psychic function of racism as an ideology and its effects on family and group constitution are discussed. The study considers the hypothesis of the psychic transmission of racist ideology sustained by unconscious alliances; by which, the clinic of the bond re-examines psychoanalytic listening.

Keywords racism; family; ideology; group; unconscious alliances.

Texto recebido: 03/2023

Aprovado: 05/2023